

Antineutronianismo

As repercussões do desenvolvimento científico observado após a publicação dos *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica* (1687), do inglês Isaac Newton, fizeram-se sentir em Portugal logo na primeira metade do séc. XVIII. Ainda Newton era vivo e já Luís Baden promovia em Lisboa, em 1725, conferências sobre filosofia experimental, onde se explicavam metodicamente os fundamentos e as experiências dos filósofos modernos, com especial destaque para os famosos Robert Boyle e Isaac Newton. Anteriores a 1759, há registos da existência de obras de Newton nas bibliotecas do Colégio das Necessidades de Lisboa, pertencente à Congregação do Oratório, e no Colégio das Artes, no Colégio de S.^o Antão e na Univ. de Évora, pertencentes aos Jesuítas. Também as obras dos principais divulgadores do newtonianismo, Jean Theophile Desaguliers, Petrus van Musschenbroek e Willem Jacobs Gravesande, começaram a surgir muito cedo nas bibliotecas nacionais.

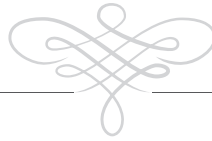
Um acontecimento que muito terá contribuído para a difusão da filosofia newtoniana em Portugal foi a ida do judeu Jacob de Castro Sarmiento para Inglaterra, para fugir à Inquisição, fixando-se, em 1721, em terras britânicas, mas mantendo uma importante influência sobre a cultura portuguesa. Castro Sarmiento foi membro do Real Colégio dos Médicos e da Royal Society de Londres; na Escócia, recebeu o grau de doutor na Univ. de Aberdeen. Tomou conhecimento da teoria newtoniana em Londres, nas conferências de Desaguliers. Uma das princi-

pais obras de sua autoria, tida como uma referência da cultura científica portuguesa da primeira metade do séc. XVIII, é a *Theorica Verdadeira das Mares, conforme à Filosofia do Incomparável Cavalheiro Isaac Newton*, publicada na capital inglesa no ano de 1737.

Outro nome proeminente foi Bento de Moura Portugal, cuja aprendizagem da filosofia newtoniana, durante a sua estada em Inglaterra, foi feita em contacto direto com alguns dos mais reputados discípulos de Newton, entre os quais o referido Desaguliers. O seu regresso a Portugal viria, porém, a revelar-se uma opção trágica, uma vez que teve um fim de vida dramático. Com efeito, apesar do seu prestígio, Moura Portugal viveu os últimos anos da sua vida na cadeia, em condições absolutamente desumanas, vítima do despotismo reinante. Teodoro de Almeida fez-lhe justiça ao não o deixar cair no esquecimento, declarando de um modo bem claro a sua admiração pela pessoa e pelas ímpares qualidades intelectuais deste estudioso.

Isaac Newton (1643-1727).





As influências no sentido da laicização do ensino e da sociedade em geral começaram a sentir-se de forma mais pronunciada em 1760, com a publicação das *Cartas sobre a Educação da Mocidade*, da autoria do médico judeu António Nunes Ribeiro Sanches. Nesta obra, são valorizadas as excelências do método experimental e as virtudes da matemática como meio indispensável ao exercício do rigor e do raciocínio lógico. Provas do impacto desta obra no sistema educativo português foram a criação do Colégio dos Nobres, em Lisboa, e posteriormente a reforma pombalina da universidade, ambas baseadas em modelos educativos inspirados pelo newtonianismo e pelas teses do inglês John Locke.

Contudo, não foi fácil admitir oficialmente o ensino das novas tendências científicas e filosóficas, designadamente a adoção do newtonianismo, sobretudo por motivos extrínsecos e de outra ordem, que não eram decorrentes do desconhecimento da obra de Newton. Após a recusa do pedido de alargamento do ensino da Física no curso de Filosofia em Coimbra, verificada em 1712 (Antiexperimentalismo), nova imposição restritiva viria condicionar a orientação do ensino das matérias físico-matemáticas virada para o newtonianismo que se ia implantando nas mais prestigiadas universidades europeias. Algumas décadas mais tarde, o mesmo condicionalismo foi reafirmado num edital do reitor do Colégio das Artes de Coimbra, datado de 7 de maio de 1746; entre as várias deliberações constantes deste texto, destacava-se uma alínea que condicionava a abordagem de assuntos de carácter científico nas aulas, deixando bem clara a proibição da defesa das opiniões de filósofos modernos, entre os quais Newton.

A este documento foi dada uma importância extraordinária, porque, entre as

muitas determinações, a imposição restritiva de autores e filósofos modernos, nomeadamente de Newton, foi considerada uma conduta de oposição intelectual generalizada por parte dos Jesuítas do Colégio das Artes em relação ao ensino das ciências em geral e particularmente da nova física. Consequentemente, a escola de Coimbra passou a ser conotada com o sector mais retrógrado da cultura científica portuguesa, tendo sido classificada como o mais influente bastião da filosofia peripatética. A proibição permite, contudo, supor que os temas da filosofia moderna, e particularmente da filosofia newtoniana, constituíam objeto de análise nas aulas daquele colégio, embora de uma forma não oficial e ao arrepio dos preceitos estatutários. Apesar de todas as adversidades, alguns professores aventuravam-se no ensino das matérias científicas de um modo mais consonante com a Modernidade. O facto de, naquele documento, o reitor proibir de modo explícito o ensino, ou a simples defesa, das opiniões novas, pouco recebidas ou inúteis para o estudo das ciências, como eram tidas as teses de Descartes, Gassendi e Newton, constituiu um grande obstáculo à atualização do ensino na escola coimbrã. Sem essa proibição não teria sido necessário aguardar pela reforma pombalina da universidade, em 1772, para que o newtonianismo tivesse entrado na cultura portuguesa.

Bibliog.: ALMEIDA, Teodoro de, *Cartas Fysico-Mathematicas*, t. III, Lisboa, Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, impressor da Real Meza Censoria, 1799; CARVALHO, Joaquim de, “João Locke. Ensaio sobre o entendimento humano”, *Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra*, vol. xx, 1951, pp. 2-195; CARVALHO, Rómulo, *Colectânea de Estudos Históricos (1935-1994)*, Évora, Universidade de Évora, 1997.

DÉCIO RUIVO MARTINS